

PROJETOS DE MILITARIZAÇÃO SOCIAL EM TEMPOS NEOLIBERAIS

Bruno Ferraz BARTEL*

AMAR, Paul. *The Security Archipelago: Human-Security States, Sexuality Politics, and the End of Neoliberalism*. Durham and London: Duke University Press, 2013

Após a atuação dos militares para conter os efeitos advindos da *Primavera Árabe* ocorrida em diversas cidades no Egito e as intervenções do Estado do Rio de Janeiro sob a forma de implementação das *Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs)*, a questão das novas lógicas de segurança governamental apontam algumas transformações no campo das lutas sociais. Nas últimas três décadas, o que se tem verificado é um detrimento das legitimações do mercado neoliberal e das ideologias consumistas que sustentavam as formas militarizadas dos governos desde então. Diante desse novo cenário, o surgimento de formas de discurso de uma “segurança humanizada” procura redefinir a soberania política e as formas internamente contraditórias do exercício de poder e de autoridade, por parte de determinadas instituições governamentais. Entretanto, algumas lógicas de segurança institucionais continuam a se afirmar avançando em múltiplas direções, como por exemplo, concentrando seus esforços para projetos militarizados visando à proteção de patrimônios culturais ou infraestruturas ligadas a projetos de desenvolvimento.

No início de 2009, a ideia de uma “segurança humanizada” surge inserida em um quadro hegemônico de ações militarizadas e de intervenções governamentais articulada entre diversos países (EUA, Canadá, França e Reino Unido) e instituições internacionais (Médicos sem Fronteiras e o Comitê de Direitos Humanos na ONU) como forma de substituir a lógica da “guerra preventiva”, defendida pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha nos primeiros anos do

* Doutorando em Antropologia pela UFF - Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ – Brasil. 24210-350 - brunodzk@yahoo.com.br.

século XXI. Essa noção de “segurança humanizada” produzida principalmente entre os países do Hemisfério Norte forneceu três conjuntos de debates: a circulação de agentes sociais centrados em causas humanitárias; a atuação por parte do feminismo e de cientistas políticos com as lutas antirracistas; e, finalmente, a revisão entre os teóricos pós-estruturalistas sobre o papel do Estado. Mais do que nunca, mercados e Estados neoliberais contemporâneos mergulham em um período dinâmico que se alternam entre o colapso e sua reanimação. Neste sentido, os especialistas em segurança têm se esforçado para responder à legitimidade das políticas neoliberais baseada no princípio político do “laissez-faire” e de suas infraestruturas financeiras atuantes, bem como para as questões envolvendo tanto as reações contra o neoconservadorismo existente através da premissa de “guerra ao terror” quanto as suas práticas relacionadas ao desrespeito dos direitos humanos.

O livro de Paul Amar indica que a noção de “segurança humanizada” possui uma relação com as formas influentes e globais circulantes não engendradas a partir das salas de conferência da ONU ou por intermédio de relatórios americanos com foco na dinâmica do poder atual. Antes de tudo, elas foram testadas, distribuídas, hibridizadas e difundidas dentro e entre alguns “laboratórios urbanos” do Hemisfério Sul. A matriz dessa linha política arquitetada no Cairo e no Rio de Janeiro encontrou meios de se realizar através de processos culturais de militarização e subjetivação através dos resultados das estratégias de policiamento e planejamento urbano. Uma segunda proposta do livro é a de demonstrar como o modo de governabilidade, baseada na noção de “segurança humanizada”, amplia seu poder de ação por meio de um conjunto particular de intervenções relacionadas às temáticas de sexualidade ou moralização. Esses eixos acabam, segundo o autor, por mobilizar uma perspectiva de gênero dentro de um quadro “tradicional” e, por assim dizer, a de tentar resgatar uma concepção de família em crise diante das perversões provocadas pela globalização no domínio cultural. Cairo e Rio de Janeiro são os cenários escolhidos por onde essas complexidades revelam as suas singularidades, uma vez que as dimensões da história, política e culturas públicas se encontram imbricadas nos argumentos do livro.

Justamente por se tratar de contextos completamente distintos, disciplinas complementares são constantemente acionadas nas discussões do autor. A interdisciplinaridade proposta versa sobre os domínios das relações internacionais, política comparada, sociologia política, antropologia política, estudos culturais e de globalização, economia e política urbana e geografia. A opção por trabalhar com múltiplas áreas do saber visa dar suporte ao emergente campo dos estu-

dos críticos de segurança, cuja posição ainda se encontra bastante marcada na interseção das relações internacionais e dos estudos teóricos que almejam a paz. Atualmente, as abordagens críticas aos estudos de segurança seriam distinguidas por duas posições um tanto quanto que contraditórias: de um lado, um ceticismo sobre os riscos e a política do medo que acompanham a identificação das ameaças à segurança em geral; e do outro, o interesse em defender uma agenda de segurança que visa reduzir a violência estatal, como no caso das intervenções não repressivas em resposta a determinadas situações.

Um dos argumentos fundamentais do livro é que Egito e Brasil tiveram uma articulação de forças coercitivas, a presença de discursos morais e a atuação de um humanitarismo transnacional a partir de um quadro de mudanças conferidas às instituições de segurança, ao discurso moral-cultural, as formações espaciais e as subjetividades humanas que surgiram em determinados locais nodais nas últimas três décadas. Essas novas formações teriam um caráter consistente e um perfil político definidas pelo autor como sendo a de um “estado de segurança humanizada”. Neste sentido, esse regime de governabilidade representaria uma nova formação produtiva forjada a partir das relações tensas de aliança entre diversos movimentos sociais e determinadas instituições militares que atuariam, segundo o autor, contra os autoritarismos de uma elite ligada ao capital global.

A segunda consideração do livro indica que essas lógicas de “segurança humanizada” caminham com certo conforto no cenário global. A existência de projetos para estender as formas de execução, controle e intervenção militarizada têm sofrido algumas ondas de resistência social e de oposição por parte dos ativistas de direitos humanos. Entretanto, esses “estados de segurança humanizada” se encontram prosperando em múltiplas direções, como por exemplo, concentrando seus esforços na proposição de discursos envolvendo sexualidade e moralidade para amplos setores sociais. O que o autor afirma é que os novos alvos desses projetos de segurança não podem ser apreendidos como apenas demandas advindas das campanhas envolvendo os direitos humanos. Em vez disso, esses assuntos devem ser analisados com mais precisão como demandas de reconhecimento emergentes, em particular, relacionadas às questões de gênero, temas raciais e de formas transnacionais que envolvam operações militares e policiais.

Uma das contribuições mais significativas do livro é a de proporcionar um sobrevoo às estruturas organizadoras das classes populares, aos discursos populistas de cunho moral-religioso e sobre as prerrogativas que justificam intervenções militares em parceria com determinadas linhas políticas. Desta perspectiva, seria possível observar as particularidades dos processos culturais e das alianças

políticas em curso responsáveis pelas novas regras presentes em certas áreas do planeta. Mas para entender esses processos, o autor aponta para a necessidade de se desenvolver novas formas de pensar, pesquisar e analisar o “estado de segurança humanizada” no contexto transnacional, além de incluir os interesses com os quais seus agentes sociais procuram proteger. Ao examinar em profundidade os casos do Brasil e do Egito, o livro procura fornecer um enquadramento histórico e teórico da ascensão e queda do neoliberalismo e da emergência de novos regimes de segurança global humanitária.

Além disso, cabe salientar a preocupação envolvendo a produção de novas formas de sexualidade na organização desses processos contemporâneos. Paul Amar considera que o conjunto de atores e de discursos mobilizados se difunde por meio de uma política moral e não por políticas de mercado. Sua análise da política sobre a sexualidade dos contextos contemplados formula algumas críticas às formas de governamentalidade atuais, as teorias feministas e também as abordagens envolvendo os estudos raciais. Os modelos de sexualidade trilhados por Michel Foucault e Hazel Carby contribuem para repensar esta temática não como um quadro de orientações e nem como uma categoria de direitos pessoais ou relacionada a questões de saúde reprodutiva, mas sim como um conjunto dinâmico e contraditório no tocante a formação de novos processos vigentes.

O livro de Paul Amar se esforça por compreender os casos do Egito e do Brasil dentro de um quadro político contemporâneo marcado pelos estudos críticos de segurança. No entanto, a passagem da escala global-local apresenta análises que carecem de maiores explicitações quanto à transição desses processos em curso. A insistência na oposição entre os hemisférios Norte e Sul indica muito mais por onde esses fluxos convergem do que propriamente como eles conseguiram se estabelecer. Parte desse problema deriva do fato do autor ter que lidar com uma quantidade excessiva de informações provenientes de diversas disciplinas para comprovar a maioria de seus argumentos. Além disso, se compartilha da crença que de o campo interdisciplinar promoveria a ampliação de horizontes para os problemas de ameaças de segurança como, por exemplo, aos temas construídos pelo imperialismo, da dominação de classe, do racismo e dos novos discursos de controle e de desapropriação, mas que, em seguida, poderiam oferecer métodos para intervenções de proteção mais “humanizadoras” diante dessas situações contemporâneas.

A dificuldade de mapear esses fluxos tidos como globais que exportam a noção de “segurança humanizada” e suas relações com os Estados neoliberais

tornam algumas das análises do livro superficiais. Mesmo que as complexidades dos contextos investigados organizem uma base geral para a maioria dos argumentos construídos, essas interdependências com os processos globais circulantes haveria de se demonstrada com ênfase nos reais efeitos produzidos do que somente a partir das linhas políticas evocadas para compor as narrativas desses fluxos. A incorporação do ponto de vista desses atores globais, sem dúvida, mostraria como determinados eventos emergem de uma rede de confluências diversas e, por vezes, constitutivas de vontades e expectativas contraditórias.

Sem dúvida, o fim do neoliberalismo não anuncia o término de um período da história ou estabelece a crise de um modo de produção. Pelo contrário, o esgotamento das forças neoliberais sinaliza uma mudança de perspectivas. Esses novos rumos tanto poderiam incluir uma transição para o mapeamento das relações globalizadas envolvendo os mercados de investimento, e as questões relativas ao consumo, quanto para a apreensão das novas formas de mobilização social através de discursos populistas envolvendo moralidades.

Seja como for, o que vem acontecendo nos países do hemisfério Sul, relativo a essas novas formas de encarar o papel da segurança, expressa as reais possibilidades para o alargamento das análises sobre as experiências políticas diante de um curto espaço de tempo pós-11/09. Se as cidades do Cairo e do Rio de Janeiro proporcionam exemplificar alguns desses processos contemplados por Paul Amar, as construções teóricas de uma “segurança humanizada” ou as novas políticas de sexualidade promovidas pelos Estados Neoliberais em crise refletem uma tentativa de ensaiar sobre essas possibilidades em curso. Somente uma observação mais ampliada do que se propõe analisar poderá consubstanciar os esquemas conceptuais propostos, além de garantir a continuidade desses processos nos locais que serviram de base para a maioria de suas argumentações.

Paul Amar é Professor Associado do Programa de Estudos Internacionais e Globais pela Universidade da Califórnia especializado em Políticas Comparadas, Geografia Humana, Estudos de Segurança Internacional, Sociologia Política, Etnografia Global, Teorias do Estado e Teorias de Gênero, Raça e Política pós-colonial. Suas linhas de pesquisa voltam-se aos Estudos Feministas, Sociologia, Literatura Comparada, Estudos sobre o Oriente Médio, Mundo Ibérico e América Latina concentrando-se nos seguintes temas: instituições estatais, regimes de segurança, movimentos sociais, as transições democráticas do Oriente Médio e da América Latina, os novos padrões de militarização, segurança governamental, intervenção humanitária e a reestruturação estatal em megacidades.

